

EDITORIAL

7

Na Pauta: a linguagem e o tempo

Os tensionamentos entre a aparente contradição estabelecida pelo crescimento das possibilidades técnicas de se comunicar e o recrudescimento do fenômeno da desinformação estão mais cristalinos do que nunca. Vive-se em um mundo mais hostil, acelerado temporalmente e que flerta, transvestido por um ideal paradoxal de “liberdade”, com práticas autoritárias que violam, de modo cada vez mais naturalizado socialmente, direitos fundamentais que sustentam os projetos das democracias liberais.

A sensação ilimitada de expressar ideias sem medir consequências, cristalizada via redes sociais, atinge de forma preponderante a atividade e o campo da pesquisa em jornalismo. No primeiro caso, o jornalismo, uma prática social que, normativamente e com todas as suas limitações, buscou posicionar-se como uma instituição mediadora entre a sociedade civil e o estado, disputa espaço com iniciativas de grupos sociais que, pela própria falta de institucionalização, não possuem protocolos deontológicos claros. No segundo caso, as transformações em curso são tão velozes que o pensamento científico — lugar deste periódico e que segue ritos e tempo próprios — tem dificuldades de olhar para um mundo em constante transformação.

Ainda assim, a seleção de textos disponíveis neste número da **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo** chega aos leitores e leitoras com o propósito de lançar luz sobre esse desafio de trocar o pneu enquanto o veículo se desloca em alta velocidade.

No texto que abre a edição, “*Jornalista-fala*”: *consequências dos ataques à imprensa na rotina dos profissionais da informação*, Gabriel Landim desvela, a partir de entrevistas com cinco integrantes do jornalismo da TV Globo que foram vítimas de violência durante o exercício da profissão, algumas estratégias e implicações no modo de praticar jornalismo na maior emissora do país. Autocensura, sentimento de impotência e impactos na própria saúde mental dos profissionais são fatores que não só exigiram mudanças na linguagem telejornalística, mas que vêm violando diretamente o próprio princípio da liberdade de imprensa.

A preocupação com a garantia de condições para o exercício da profissão é democrática e envolve de grandes grupos de comunicação, como a já citada TV Globo, a iniciativas de jornalismo independente. A última linha é tema do artigo *Relações de trabalho no jornalismo: o ambiente laboral em iniciativas independentes*. Nele, Edgard Patrício busca destrinchar a proeminente pesquisa *Perfil do Jornalista Brasileiro 2021*, com olhares direcionados ao que diferencia as práticas de jornalismo independente do chamado *mainstream*. A investigação versa sobre questões relacionadas à qualidade da informação em meio a ambientes hostis de trabalho e questiona sobre como esse contexto pode atingir diretamente os níveis de satisfação com a profissão. De acordo com o estudo, os resultados não são muito promissores.

Cobrir um território, conforme os dois primeiros estudos, pode ser desafiador. Entendê-lo pode ser tão custoso quanto. Embasado pelas dificuldades em definir clara e objetivamente o conceito de televisão local e/ou regional, Francisco das Chagas Sales Júnior assina o artigo *Geografias da televisão regionalizada: a identificação conceitual dos territórios do telejornalismo regional brasileiro*. Como resultado, observa que a delimitação territorial da televisão regional é algo complexo e que não deve ser tomada mediante fronteiras imutáveis.

Na sequência, ao partir do pressuposto de que as formas de aprendizagens superam a modalidade educativa formal, a pesquisadora Janaíne Kronbauer observa como o jornalismo, entendido como uma forma social de conhecimento, atua enquanto agente socializador de conhecimentos com “latente potencial de aprendizado”. No texto intitulado *Zona de Desenvolvimento Proximal, Aprendizagens Contextuais e Jornalismo*:

Aproximações e potencialidades para a socialização de conhecimentos, a autora, por meio de uma discussão de cunho teórico, avalia que a noção de jornalismo enquanto forma de conhecimento ainda não foi amplamente explorada, já que seu foco, até aqui, esteve voltado majoritariamente à construção narrativa do produto *notícia*.

O produto mais conhecido da linguagem jornalística, a notícia, é explorado por uma perspectiva histórica por Daniel Macêdo no artigo *Catástrofes da viagem ao norte: narrativas jornalísticas de José do Patrocínio sobre a seca de 1877-79*. Ao tratar de um momento talvez menos conhecido do jornalista quando comparado a seu notório papel durante o período da Abolição, o pesquisador reforça como José do Patrocínio conseguiu, a partir da cobertura de uma extensa estiagem, utilizar a observação em campo e a escrita jornalística como elementos de intervenção política.

Da seca do século XIX às enchentes do século XXI. O jornalismo lida o tempo todo com representações dos partícipes de suas narrativas. Entretanto, como avaliar quando o artífice representado é um elemento da natureza? Essa missão foi tomada por Guilherme Profeta e Vanessa Aparecida Ferranti no artigo *Que rio é esse que está no jornal? Uma Análise de Conteúdo dos textos sobre o Rio Sorocaba publicados no jornal Cruzeiro do Sul em 2023*. Imerso em uma lógica na qual o progresso é a força-motriz, o rio, fundamental para a própria habitação da região, é representado majoritariamente como um incômodo, um problema inerente à cidade do interior paulista.

Se compreender territórios geográficos é uma missão árdua, uma terra que ainda carrega muitos segredos aos estudos de Jornalismo são as redes sociais. Em *Mais do que um "Arrume-se comigo": o uso do TikTok no jornalismo de moda digital da revista Elle Brasil*, Maiara Carvalho Batista Maduro e Mariana Murara Fagundes, mediante entrevistas semiestruturadas com editores e uma análise de conteúdo de notícias da eminente revista de moda, avaliam que há supressão de elementos jornalísticos fundamentais na construção das notícias na plataforma TikTok.

Já em *Jornalismo e inteligência artificial: desafios nas redações*, Orlando Maurício de Carvalho Berti apresenta os resultados de uma pesquisa de campo originária de uma demanda dos próprios jornalistas do estado do Piauí. O texto, que reúne alguns dos achados de uma pesquisa de campo que durou pouco mais de um ano, problematiza os papéis do jornalismo em tempos de inteligência artificial, especialmente, nas etapas de pauta, apuração, edição — a mais afetada pelas ferramentas de inteligência artificial, segundo o texto — e circulação.

Por último, Jorge Kanehide Ijuim e Lynara Ojeda Souza promovem uma reflexão sobre a questão da infância e adolescência a partir de duas coberturas do portal G1: meninos e meninas vítimas de ações policiais no Rio de Janeiro e aquelas afetadas pela recente tragédia climática no Rio Grande do Sul. Intitulado *Humanização do jornalismo requer humanização do jornalista*, o artigo busca demonstrar certo tensionamento entre o desenvolvimento das narrativas sob o prisma técnico e ético — sendo este o foco de atenção da autoria.

Como aponta o conjunto de textos, a linguagem e o tempo são os ferramentais centrais para compreender como se organiza minimamente esta nova economia da atenção na qual o jornalismo busca manter-se como instituição proeminente. A linguagem, conforme Janet Malcolm, no clássico livro *O jornalista e o assassino*, é aquela “que torna humanas as pessoas e é o meio fundamental que temos para saber quem são os outros”. Significa que humanizar é entender, sob um olhar empático, o *outro*. Reconhecer a emergência do direito à existência do *outro*.

Sobre o tempo: ele sempre vencerá. E o tempo de 2024 já ficou para trás.

A equipe editorial da **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo** reforça que segue aberta em fluxo contínuo para a edição do primeiro semestre de 2025. Além disso, o periódico recebe propostas de dossiês temáticos, artigos, resenhas, entrevistas e relatos de experiência. A revista, que recebeu mais de 20 trabalhos para esta edição, também agradece formalmente aos autores e autoras, além das quatro dezenas de pareceristas que, de modo rigoroso, contribuíram para a qualidade dos nove textos aqui publicados — e, claro, para o aperfeiçoamento dos artigos recusados ou com pedido de nova rodada de avaliação. Entende-se que o olhar crítico e seletivo seja fundamental para cumprir o papel de uma proeminente publicação científica.

Ainda em tempo: feliz Natal, próspero ano novo e excelentes férias. E, claro, na volta, uma ótima leitura desta edição. Até 2025.

Ponta Grossa, 24 de dezembro de 2024.

Hendryo André
Marcelo Engel Bronosky